

Ensinagem de pais e filhos

DR. LUIZ ERNESTO PUJOL

A Pediatria é, sem dúvida, a especialidade médica que maiores possibilidades de aprendizagem e de ensinamentos disponibiliza.

Primeiro, quando o médico tem a satisfação de esclarecer e ensinar os jovens pais a respeito de detalhes de higiene, alimentação, cuidados ambientais e prevenções de doenças e traumas a seus filhos. Como dar-lhes atenção e aconchego, respeito no falar e no tocar, recebendo como agradecimento um sorriso angelical e franco, ou um balbuciar cujo significado só o amor é capaz de entender o que foi dito.

Em segundo lugar, quando tanto o pediatra quanto os pais necessitam aprimorar um olhar especial aos pequeninos, cuja sabedoria fascina pela sua simplicidade, espontaneidade e curiosidade, temperadas de coloridas interpretações próprias da primeira infância.

Fatos que exemplificam essa troca de ensinagem, ou seja, ensinamos nós a eles as nossas vivências, e eles nos fazem apreender, com suas visões puras das coisas da vida, mostrando-nos que a sinceridade e a imaginação sem limites de uma criança podem nos surpreender quando dizem “vou buscar na fonte água cheia de imagens”.

Portanto, minha gente adulta, aprenda o significado que existe nas mais simples atitudes, gestuais e palavras da gente miúda, na maioria das vezes nos obrigando a pensar na exata mensagem que eles nos enviam. Com elas podemos perceber o quanto se podem misturar na bondade verdadeira e sensível as maldades inventadas pelo passar dos anos.

Pedro Luiz, 4 anos, questionado pelo pai o motivo de estar tão quieto, disse sussurrando para consigo mesmo: “Não gosto que me interrompam quando estou conversando comigo mesmo...”

Antonio, 7 anos. Órfão de mãe, tinha um sonho: conhecer o mar. O pai, por um bom tempo, fez economias e no dia de aniversário do filho comprou uma passagem para o litoral; e lá se foram pai e filho. Desembarcaram na rodoviária e fizeram longa caminhada, sob sol escaldante,

até próximo à praia, separada da rua onde estavam por um pequeno monte de areia. Subiram até o topo e Antonio estagnou. Seu corpo tremia frente àquela imensidão azul que lançava espumas brancas como ele jamais havia imaginado. Agradeceu com um choro contido a surpresa, procurou a mão do pai e lhe disse: “Pai, me ajude a ver tudo isso”.

Maria Helena, 8 anos, correu do quintal para dentro de casa, gritando: “Venha mãe, venha correndo ver o passarinho azul. Corra antes que ele vá embora”. Juntas, foram ao jardim e mal deu tempo de a mãe ver o pássaro alçar voo. A filha disse: “Que pena você não viu o passarinho azul, mãe”. E a mãe: “Vi sim, ele voou e era lindo”. E Maria Helena: “Não viu não. O passarinho parado no galho não é a mesma coisa que o passarinho voando. Quando ele voa é outro passarinho”.

Jorge, miúdo e ligeiro nos seus 5 anos de idade, teve chamado atenção por sua mãe por estar, permanentemente, com os botões de seu casaco de inverno desabotoados. Após a terceira reprimenda sobre esse fato, na mesma noite, ele desabafou: “Meus botões não gostam de ficar presos em suas casas. Eles querem liberdade!!!”

Luiz Carlos, 12 anos, foi surpreendido pelos pais em posição ereta, firme, mal se percebendo que respirava, voltado à quina das paredes da sala. Eles o observaram por alguns minutos e, curiosos, perguntaram: “Filho, você está bem? O que tá fazendo aí parado, de cara colada à parede? Você não tem nada melhor para fazer, do que essa brincadeira sem graça?”

Ele se afastou lentamente da parede, em passos firmes, calado e com uma silenciosa lágrima correndo pela face, entrou em seu quarto. Os pais foram vê-lo e ele estava sentado na sua cama, com a cabeça entre as mãos. “Vamos filho, o que tá havendo? Pra que isso? Não nos assuste. Conte logo a besteira que deve ter feito”. E ele: “Eu tava aqui com meus pensamentos e me lembrei que quando eu era pequeno vocês me punham de castigo virado para a parede para que eu pensasse no erro cometido;

na maioria das vezes eu não havia feito nada errado. Não me lembro no que pensava naqueles momentos, mas sei bem que não era nada bom. Hoje tentei lembrar de meus pensamentos naqueles momentos e percebi que, de fato, não eram nada bons. Eram coisas que passaram pelos meus sentidos e que nunca esquecerei ou lembrarei nitidamente”. E em prantos completou: “Mas que não eram bons, não eram não”.

Clóvis, 10 anos, em conversa com amigos em altas horas da noite: “É muito inconveniente a gente criar fantasmas. Depois que a gente os cria, eles perseguem seus criadores”. Todos permaneceram em respeitoso silêncio, pensativos...

Angélica, 8 anos, visitando a avó que há muito não via, ouviu a idosa senhora dizer: “Minha querida neta, quanto tempo você não me vem visitar aqui em casa? Me esqueceu, sua danadinho?” E Angélica: “Tenho vindo sempre aqui vó, nas minhas saudades”.

Paulo Guilherme, 6 anos, interiorano passeando à noite entre os prédios da metrópole, olha o céu e diz: “O céu desse lugar é pequeno para tantas estrelas”.

Caminhavam já há tempo, quando a tia de Rosângela, 11 anos, fez proposta de pararem por já estar muito tarde. E a pequena: “Tia, nunca é tarde para se ir mais longe”.

O filho do anestesista era extremamente resistente a banhos. Com seus 5 anos de idade não mais eram efetivas as suas desculpas, de que não podia tomar banho porque estava com dor de dente, tinha um arranhão no

joelho, estava com dificuldade para fazer xixi, sentia que iria ficar com gripe dentro de alguns minutos, amanhã era dia de prova na escolinha, já havia tomado banho no dia anterior... Quando todos esses argumentos já tinham se tornado ineficazes, certo dia disse ao pai: “Será que eu não posso ser sedado antes do banho?”

Laura, 3 anos, entra esbaforida na varanda onde estavam seus pais e com ar de espanto diz: “Gente, corram no meu quarto ver; tem um bicho horroroso lá”. O pai foi correndo ver e voltou sorrindo: “Não é nada grave, não. É só uma pequena e inofensiva lagartixa que está no teto”. E Laurinha, arregalando os olhos: “É que você não viu o olhar de perigo que ela lançou para mim!!!”

O avô Gerson, absorto lendo um livro em sua sala de estar, que dava acesso ao quintal. Repentinamente, o neto que corria e pulava lá fora entra na sala ofegante e se coloca ao lado do avô, tocando-lhe o braço: “Vô, velhinhos morrem logo, não é?” E o avô assim concordou. E o neto: “Então venha brincar comigo. Me aproveite. Me aproveite!!!!!!”

Que nós, adultos, não deixemos de sentir o encanto de conviver com esses ensinamentos, recordações ingênuas que adormecem em nós, e só despertam depois, muito depois, quando a vida vai a repetir-se, quando as rugas, se ainda não apareceram em nossa face, lenharam já bastante o nosso coração. Guardemos essa ensinagem só possível àqueles de alma aberta para essas vivências. **❶**

Aforismo

“A vida é como tocar um solo de violino em público e aprender a manejar o instrumento enquanto se toca”.

SAMUEL BUTLER (1835-1902)

Contemplar um quadro, ler um poema, ouvir uma sonata ou observar um paciente nos remete à questão essencial do ser. Esse encontro nos permite a experiência da liberdade mútua.

A vida médica é um permanente ensaio graças à multifariedade dos problemas e a disparidade das respostas clínicas. Mas, repetindo o mestre, não temos duas vidas, uma para ensaiar e outra para representar. Portanto, não espere. Está atuando, em cena. Deve fazer o melhor possível dentro das circunstâncias, sempre embasado na ciência. E usar a arte quando a ciência não der respostas.

